

(Texto do vídeo – duração: 9')

Amar a pátria do outro como se fosse a sua¹

Legenda

30 de agosto de 1959 – de um texto de Chiara Lubich (Città Nuova)

Voz feminina: Em Fiera di Primiero, cidadezinha das Dolomitas, em um cenário fantástico, oferecido pela natureza, doze mil pessoas provenientes de vinte e sete países se revezam para passar dias límpidos como o ar alpino, ardente como o sol.

São faladas nove línguas diferentes, mas todos se compreendem [E as palavras de Santo Agostinho ganham vida²]:

“De uma língua, surgiram muitas;
não te admires:
foi o que fez a soberba!
Muitas línguas tornam-se uma;
não te admires:
é o que faz o amor.”

legenda

do cine-jornal da Mariápolis de 1959

dubladora de Graziella De Luca: As três Palas das Dolomitas e a Sass maor, reunindo-se ao redor do vale, cortado pelo Cismon, compõem uma quase infinita catedral antiga, dentro da qual há uma cidade nova, ainda não localizada nas projeções cartográficas da ONU, mas que floresce, a cada dia, entre julho e setembro, já há dez anos, e se chama Mariápolis.

Palmira Frizzera: Em 59 passaram por Fiera 12.000 pessoas. E já havia ali muitas línguas diferentes, povos diversos, inclusive do Brasil, da Argentina, da China, monsenhor Yu Pin, o bispo, e também de toda a Europa e da Ásia.

Diego Goller: Havíamos acabado de sair de uma guerra, de uma grande guerra, a Segunda Guerra Mundial. Ter essa percepção de internacionalidade, saber que éramos uma família não só de italianos, mas de várias nações, que éramos realmente irmãos e irmãs, era uma coisa fantástica.

Giorgio Marchetti – Fede: Chiara escreveu de uma tacada um tema sobre a unidade dos povos. Teve a ideia que eu o estudasse, então eu andava procurando decorar este tema de Chiara: “Se um dia todos os povos, ou ao menos alguns deles, se consagrasse a Maria...” Então Chiara teve a ideia de fazer uma consagração a Maria de todos os povos; uma pessoa de cada nacionalidade leria o ato de consagração a Maria do próprio povo. Eu representei a Itália e o ato de consagração a Maria do Povo Italiano.

¹ Breve vídeo que ilustra a consagração dos povos a Maria ocorrida em 22 de agosto de 1959 durante a Mariápolis – realizada em ocasião da Mariápolis Europeia de 2019 – encomendado pelo MPPU e pelo Centro Igino Giordani

² Inserido pelo dublador para deixar a citação explícita

Voz de Giorgio Marchetti do cine-jornal: “Nós, aqui presentes, de língua italiana, representando todos aqueles que fizeram do Testamento do Teu Divino Filho o ideal de suas vidas, renovamos a consagração ao Teu Imaculado Coração. Consume em um todos os nossos povos e edifica, assim, o Povo de Deus.”

Gabri Fallacara: Foi escolhido esse dia, 22 de agosto, porque era justamente a festa do Coração Imaculado de Maria, portanto o coração que acolhe todos os corações. É tão vazio, tão puro, tão imaculado que pode acolher todos os outros, não rejeita ninguém. Então, esse doar-se a Maria era um doar-se a ela para que ela multiplicasse no mundo essa fraternidade universal.

Legenda

30 de agosto de 1959 – de um texto de Chiara Lubich (Città Nuova)

Voz feminina: “Se um dia os homens, mas não como indivíduos, e sim como povos, se um dia os povos souberem pospor a si mesmos, a ideia de que têm a própria pátria, os reinos deles, (...) e farão isso por aquele amor recíproco entre os Estados, que Deus pede, como pede o amor recíproco entre os irmãos, aquele dia será o início de uma nova era, porque aquele dia, assim como é viva a presença de Jesus entre dois que se amam em Cristo, Jesus entre os povos estará vivo e presente, (...)”

Anna Maria Zanzucchi: Nós estávamos ali; tínhamos quatro filhos e um era pequenininho, tinha poucos meses; e Chiara pensou nessa coisa, que realmente nos doássemos a Maria e sentia que deveria consagrar o mundo a Maria porque estavam ali os representantes que queriam fazer isso.

Legenda

30 de agosto de 1959 – de um texto de Chiara Lubich (Città Nuova)

Voz feminina: “São estes os tempos em que cada povo deve ultrapassar a própria fronteira e olhar além. Chegou o momento em que a pátria do outro deve ser amada como a própria.”

Danilo Zanzucchi: Naquele tempo, falar sobre pátria significava excluir uma parte ou outra. Aqui, ao invés, falava-se de: amar a pátria do outro como a própria. Mas isso era uma revolução total do modo de pensar que havia naquela época.

E todos nos empenhávamos: uma alemã, um inglês, uma espanhola, uma holandesa.

Mas isso é um espetáculo insólito, inesperado! Mas não é aquilo que esperávamos quando estávamos em guerra, que quando tudo acabasse se pudesse finalmente chegar a um acordo!

Legenda

30 de agosto de 1959 – de um texto de Chiara Lubich (Città Nuova)

“A história não é feita de guerras, (...) com as quais tudo se perde, enquanto que com a paz, tudo se ganha. (...) esperamos que o Senhor tenha piedade deste mundo dividido e disperso, destes povos fechados em si mesmos, contemplando a própria beleza – a única para eles – limitada e insatisfatória, e tenham os próprios tesouros com dentes cerrados – também aqueles bens que poderiam servir a outros povos onde se morre de fome –, esperamos que o Senhor faça com que caiam as barreiras e que corra com um fluxo ininterrupto a caridade entre terra e terra, como torrente de bens espirituais e materiais. (...) Este vínculo escondido e protegido no coração de cada nação é Maria.”

Giorgio Marchetti – Fede: De qualquer jeito, foi um momento belíssimo e também participaram, além de Giordani, vieram com ele o pai de don Foresi, Palmiro Foresi, o honorável Roselli di Brescia, e alguns outros políticos que também participaram. Esses políticos comentaram: “Realmente devemos fazer algo na política também a nível internacional.”

Danilo Zanzucchi: Por que não pode haver também no mundo político um acordo desse tipo? Por que pessoas de inteligência diversa, cultura diversa, raça diversa, nação diversa não se juntam para realizar esse sonho que está no profundo de cada homem?

Leitura do pacto de consagração em várias línguas

Gabri Fallacara: O significado profundo dessa consagração era justamente pedir todas as graças para criar povos novos, para que cada povo entendesse o outro, cada povo ajudasse o outro, cada povo não explorasse o outro. Se amamos o povo na pessoa que encontramos, que talvez seja um fugitivo de alguma guerra, um pobre refugiado, mas que em sua terra tinha uma casa, tinha uma escola, tinha uma cidade, e agora, de repente não tem nada; e que quase nos dá medo esse seu ser zero. É, acho que aqui o ato de consagração nos pede que saíamos do medo, que escutemos o que o outro nos conta; quando essa consagração for vivida dentro da nossa carne, dentro dos nossos ossos, dentro da nossa mesquinharia: parar, escutá-lo e acho que isso, se vivêssemos hoje, seria maravilhoso.

Direção Maria Amata Calò

Entrevistas e materiais CSC Audiovisivi

montagem Lorenzo Giovanetti

voz Cristina Sabbion

feito por Movimento Político pela Unidade e Centro Iginio Giordani

Copyright 2019 © CSC Audiovisivi